

UMA REINTERPRETAÇÃO DO CONCEITO DE *GRAU DE SEVERIDADE* A PARTIR DE UMA CONCEPÇÃO ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DE LINGUAGEM E DOS RELATOS DOS SUJEITOS AFÁSICOS SOBRE SUAS DIFICULDADESⁱ

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Departamento de Lingüística – IEL / Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
ronovaes@iel.unicamp.br

Abstract: *The aim of this paper is to discuss about the traditional definition of “severity degree”, which has served as an auxiliary to the semiology and classification of different forms of aphasia. Data collected in dialogical episodes when the aphasic subjects talk about their difficulties help us understand better the issue.*

Keywords: *aphasia; severity degree; semiology; neurolinguistics*

Resumo: *O objetivo deste artigo é discutir sobre a definição tradicional de “grau de severidade”, que tem servido como auxiliar para a semiologia e classificação de diferentes formas de afasia. Os dados obtidos em episódios dialógicos quando os sujeitos afásicos falam sobre suas dificuldades nos ajudam a compreender melhor a questão.*

Palavras-Chave: *afasia; grau de severidade; semiologia; neurolingüística*

Introdução

O conceito de *grau de severidade* tem sido utilizado para explicar, na literatura neuropsicológica, diferenças na linguagem de sujeitos afásicos com lesões cerebrais nas mesmas áreas (ou áreas e extensão muito semelhantes) e também diferenças verificadas na linguagem de um mesmo sujeito, sobretudo na tentativa de classificar as diversas formas de afasia. É geralmente definido em relação ao que se considera *normal* na linguagem, sendo que a *normalidade*, por sua vez, é definida a partir da idealização da competência lingüística dos falantes de uma língua. Os escores que vão determinar a classificação de uma afasia e seu grau de severidade são gerados a partir de testes elaborados na variante culta, o que reduz consideravelmente a chance de que a avaliação possa ser adequada para a grande maioria dos sujeitos afásicos ou mesmo da população de não-afásicos, especialmente em países como o Brasil. Os métodos baseiam-se nas análises quantitativas de resultados e as unidades testadas são *palavras* e *frases*, desvinculadas totalmente das condições de uso.

Dados obtidos nas sessões do CCA – Centro de Convivência de Afásicos - especialmente aqueles em que os sujeitos comparam sua linguagem com aquela que

tinham antes do acometimento cerebral, indicam que utilizar o conceito apenas em função da extensão da lesão ou do ponto de vista da evolução de um quadro neurológico contribuem apenas parcialmente para o entendimento da questão. Como muito pouco sabemos sobre a atividade lingüística dos sujeitos afásicos, antes do episódio neurológico, a comparação que eles fazem de sua atual condição com a que tinham deve ser incorporada às análises, além de se considerar, evidentemente, a questão de quanto o sistema lingüístico propriamente dito foi comprometido em seus níveis de articulação – fonológico, lexical, sintático, semântico.

Os dados apresentados a seguir foram coletados durante diversas sessões do CCA, com diferentes sujeitos afásicos. A seleção foi feita a partir da observação de episódios nos quais os sujeitos se deparam com dificuldades de naturezas diversas – para encontrar palavras, para produzir um enunciado sem um *prompting* fonético, *etc.* e comentam sobre suas dificuldades, o que é muito recorrente quando o tema em pauta está relacionado às próprias afasias. Em alguns dos dados observamos a análise comparativa que fazem de sua própria produção, atual e anterior ao episódio neurológico, ou ainda quando comparam com a linguagem de outros sujeitos afásicos. Estão destacados, em negrito, os trechos nos quais tratam especificamente de suas dificuldades ou quando são avaliados por outros interlocutores. Há momentos em que chegam a desistir do tópico discursivo por causa do grau de dificuldade para se expressar. Esses trechos estão marcados nos dados em negrito. Adoto a marcação (EI) para indicar que se trata de “enunciados ininteligíveis”.

Dado 1 - Sessão ocorrida no dia 04/03/98. As investigadoras EM e MC pedem que os sujeitos contem o que fizeram durante as férias. CL inicia, dizendo que foi para a praia e depois comenta sobre sua linguagem.

CL: Mas eu continuo sem falar...

MC: Sem falar? Mas a senhora não tá falando?

CF: /esaw esaw/ //apontando para todos os sujeitos do grupo//

CL: Eu falo muito mal.

MC: Todos têm dificuldades, # não é, Dinho?

Dado 2: Na sessão de 29/11/95, EV comenta suas dificuldades com a investigadora EM

EV: Agora eu tô, mas cheguei... tá ruim de tá (EI) /fo'Raspoda/

EM: Sei...

EV: Não leio mas uma leia. (EI). Perdi tudo, tudo, tudo...Acabei tudo.

EM: A senhora fica esquecida?

EV: Falo...sem falar...

Dado 3: Nesta sessão (08/04/98), a Investigadora EM discute com os sujeitos a atitude de se esforçar para se fazer entender, apesar de suas dificuldades.

CL: Eu não sei falar, eu falo muito pouco... Quando eu falo dá pra entender, mas força pra eu falar, mexe aqui... //faz gesto sobre o peito indicando que faz um grande esforço// Agora eu fujo de festa... fujo de tudo (...)

EM: A senhora fez tudo pra não ir na festa delas? (...)

CL: Não ir porque ninguém sabe que eu tenho assim... e vão falar comigo e eu não posso responder, então..

EM: Talvez a senhora não queira, mas a senhora pode...

CL: Eu respondo mas fica mal pra mim assim. Acho que não gosto...Agora casou a neta da minha irmã, eu não fui...

EM: A senhora não quer se expor, falando dessa maneira, não é isso?

CL: Eu não quero expor porque vem conversar comigo e eu não posso responder direito né, então...prefiro não ir... (...) Mas eu fui numa festa que houve agora. Então eu procurei ficar perto de uma senhora velha que sabia que eu tava doente...eu falei só com ela. Com os outros não falei. Eu fui cumprimentar as crianças, dei presente, mas não falei...com ninguém.

//EM pergunta se eles se afastam ou evitam uma reunião social, uma festa, por causa de seus problemas, e os sujeitos confirmam.//

EM: Sr. Silvano também?

SP: O ...o único lá...lá...baile ... isso eu vô lá e...minha mulher... o filho vai lá..., mas festa...(..) Eu não gosto para ...que...agora... agora..

EM: Quando o senhor tá com os amigos, a família...

SP: Aí tá certo. Mas...//faz um gesto com a mão, próximo à boca como que indicando que as palavras não saem// Fala um pouco, mas...depois... “esqueci” //remetendo a um discurso direto//...é...como é...é...para...//faz os mesmos gestos//

CL: Quando a gente quer falar alguma coisa e não fala, então...

SP: Num sei... então... vai lá fala “SI, SI, NO, NO, SI, SI...” //remetendo a um discurso direto, indicando que acaba apenas concordando com os outros// (...)

SI: Eu falava, antes, sem parar, agora eu não falo mais.

CL: Ela fala e todo o mundo sabe o que ela tá falando, mas...eu, pra falar outras coisas, não posso falar //apontando para si mesma// (...)

CL: Eu falo, sim, mas muitas coisas eu não posso falar (...) mas eu entendo... tudo que você fala eu entendo.

SP: Justamente. //concordando com o que CL disse//

CL: Eu consigo falar, mas é muita dificuldade pra mim.(...) Eu falava muitas coisas. (...)

Dado 4: CFL nesta sessão foi apresentado ao grupo do CCA, em 05/11/97. No episódio que se segue, ele fala um pouco sobre as mudanças em sua vida após a doença e como a afasia afetou seu trabalho.

CFL: Tem um ano e 8 meses que eu tô lutando contra isso...um ano e 8 meses porque eu perdi muito. Eu era consultor de qualidade. Tinha vinte anos que eu trabalhava na White Martins...eu saí para ser consultor de qualidade... logo em seguida tive o enfarte.(...)

Análise do conceito de *grau de severidade* à luz dos dados dos sujeitos e em relação ao conceito bakhtiniano de *querer dizer* ou *intuito discursivo*

Os dados acima revelam que muito freqüentemente os sujeitos afásicos explicitam suas dificuldades para dizer *tudo* o que querem ou precisam. Tais relatos são importantes para compreendermos a natureza do impacto que a afasia trouxe para sua atividade lingüística e para sua vida. Muitas vezes, nos diálogos empreendidos conjuntamente nas sessões do CCA, entre afásicos e não-afásicos, parece não importar a eles dizermos que estão falando *bem*, que estamos *compreendendo* o que querem dizer (ou pelo menos parece que não se convencem disso sempre). Eles enfatizam que não conseguem falar *tudo*. O que Bakhtin chama de “tratamento exaustivo do objeto do sentido” torna-se impossível muitas vezes para os sujeitos. Embora se possa pensar que com relação aos sujeitos não-afásicos o *querer dizer* nem sempre esteja garantido nas situações dialógicas – ou seja, não é sempre que podemos afirmar que entendemos completamente o que o outro quis dizer – este conceito de Bakhtin possibilita perceber que, às vezes, a frustração dos sujeitos com relação à sua produção parece ser pela impossibilidade de atingir seu *intuito discursivo*, por mais que haja cooperação de seus interlocutores nos processos de *acabamento*.

Bakhtin afirma que há uma certa *regularidade* nos processos dialógicos, o que permite que os parceiros em uma comunicação captem *com facilidade e prontidão* o

intuito discursivo, o querer-dizer do locutor e, *às primeiras palavras do discurso, percebem o todo de um enunciado em processo de desenvolvimento*". Isso só pode ocorrer, segundo o autor, por haver "formas estáveis do gênero do enunciado". O querer-dizer se realiza sobre a escolha de um gênero do discurso, que existe sobretudo nas esferas muito diversificadas da comunicação verbal oral da vida cotidiana, inclusive em suas áreas familiares e íntimas. Esses gêneros não desprezam, contudo, os recursos lingüísticos que de uma certa forma estruturam os enunciados. Há um equilíbrio entre o valor que têm as formas estruturantes da língua, inclusive suas organizações lexicais e sintáticas e o fato de que essas unidades e regras não foram aprendidas fora da experiência com a própria língua. Clark e Holquist (1998:37) dizem que Bakhtin não exclui a sistematicidade que caracteriza a lingüística pós-saussuriana, mas procura compreender a complexidade que o sistema tem em relação ao enunciado. Trata-se, segundo os autores, de uma sistematicidade diferente, porém não menos ordenada, de "*compreender como as características repetíveis, formais, da linguagem são convertidas nos significados não menos formais, mas não repetíveis das proferições reais*". Há um *continuum* entre o sistema e o desempenho, a complementaridade de ambos.

É possível perceber, portanto, que as afasias podem perturbar tanto as relações formais como as condições que intervêm na produção de enunciados efetivos, e em alguns gêneros do discurso mais que em outros. Voltando aos dados, podemos perceber que o grau de severidade está relacionado tanto com as dificuldades para se operar com os aspectos formais – os níveis de articulação da linguagem – bem como para lidar com aspectos de produção relacionados com o contexto da produção.

Há dificuldades específicas impostas pela afasia que às vezes impedem ou tornam muito mais lentas, mais árduas, as operações sobre os recursos lingüísticos - dificuldades na produção dos gestos articulatórios, dificuldades com o acesso lexical, com a estruturação sintática - que caracterizam as afasias anteriores, e dificuldades lingüísticas e/ou lingüístico-cognitivas que caracterizam as afasias posteriores - a relação com o *outro*, a adesão ao tópico discursivo - que interferem no movimento de produção dos discursos. A determinação do sentido, dessa forma, depende *mais* do outro, do *co-processamento* realizado com os interlocutores de flechar itens do contexto (ver, a esse respeito, os trabalhos de Castilho, a respeito da produção da linguagem oral). Há muitos momentos em que percebemos que os sujeitos afásicos não conseguem realizar seu *intuito discursivo* (os dados nos apontam isso), o que os leva à frustração. É nesse sentido que afirmo que a linguagem do afásico, em certas situações dialógicas, *fica* mais indeterminada. Com relação ao eixo normal-patológico, é na dificuldade de determinar o sentido (na produção ou na compreensão de certos enunciados - mesmo na esfera de gêneros discursivos cotidianos, dos diálogos coloquiais, e que se agravam à medida que os gêneros discursivos exijam um domínio maior dos recursos expressivos da língua) que a alteração causada pela afasia afasta os enunciados dos parâmetros *normais* (da *média-típica*, proposta por Quetelêt, assumida por Canguilhen para um sujeito *possível*). Como há um movimento constante nesse eixo, explica-se também o fato de que o afásico não é afásico o tempo todo. Portanto, o grau de severidade não é o mesmo para o mesmo sujeito o tempo todo.

Isso nos faz compreender as freqüentes declarações do sujeito CFL (ver *dado 4*), com relação à gravidade de sua afasia. Mesmo sendo sua afasia avaliada como um caso de grau *leve*, visto que consegue expressar-se sobre os mais diversos assuntos, CFL

refere-se a seu caso como sendo muito *grave*, uma vez que não consegue mais atingir seu *querer-dizer* como fazia antes. CFL era gerente de vendas de uma multinacional e sua rotina incluía dar seminários sobre os produtos da empresa. Ele dependia, portanto, do domínio de um gênero mais complexo, diferente daquele da esfera do cotidiano.

Como se pode observar também nos dados de CL, quando ela se refere às suas dificuldades, seus interlocutores sempre procuravam mostrar que ela se comunicava bem. CL freqüentemente afirmava que sua linguagem era bastante reduzida se comparada à sua produção lingüística anterior aos problemas neurológicos. Basta analisar o *dado 3*, acima. Observamos que tanto CL como SP revelam que há situações em que preferem não falar, para evitar as dificuldades. CL foge das festas ou então senta-se “ao lado de uma senhora velha”, que sabe de seus problemas. Prefere não ir a uma reunião a expor-se (o mesmo se dá com SP). Às vezes parece ser inútil o comentário das investigadoras que procuram convencê-la de que ela é compreendida. Suas respostas indicam claramente que ela não se satisfaz com o que consegue produzir. Seu *querer dizer* não é alcançado: “*Quando a gente quer falar alguma coisa e não fala, então...*”. SP esclarece o que ocorre nesses casos: “*vai lá fala “si si no no si si”, ou seja, limitam-se a demonstrar que concordam ou não com o que os outros dizem, pois não conseguem falar sobre tudo. Encontramos nos enunciados de SP relatos sobre suas dificuldades que o levam, às vezes, a desistir das situações dialógicas, passando apenas a concordar com seus interlocutores.*

SP muitas vezes enfatiza, principalmente através de gestos, que “está tudo lá”, mas as palavras não saem. Muitas vezes faz um gesto torcendo a mão como se fosse um “saca-rolhas”, próximo à boca, apontando para a cabeça, como ocorre em uma sessão de 27/08/97, ao dizer: : “*Tá lá e agora...*” Nessa mesma sessão, em um determinado momento, diante da dificuldade de comentar o que EM havia dito, pede para que ela repita: “*Repete um pouquinho para para eu*” . Ele precisa do enunciado de sua interlocutora para reelaborar o seu próprio.

A partir dos relatos dos sujeitos, portanto, parece ser muito relativo afirmar, por exemplo, que CL tenha maior fluência que SP e, conseqüentemente, um grau de severidade menor. O esforço físico necessário, a falta das palavras, a dificuldade no planejamento e na produção (em tempo real) das estruturas sintáticas, a percepção das parafasias que produz e o monitoramento constante de sua fala interferem na imagem que ela tem de sua atividade lingüística. Deve-se ainda considerar que CL era professora, o que a leva a considerar suas dificuldades como sendo de um grau muito elevado. Essa variável, sem dúvida, não é considerada por nenhum teste metalingüístico, quando determina o *grau de severidade* de um caso.

Se as dificuldades apresentadas pelos sujeitos nos episódios dialógicos fossem analisadas fora do processo interativo, em “frases” ou “palavras” isoladas de seu contexto de produção, fora da cadeia de elos enunciativos, só poderiam revelar aquilo que as tarefas metalingüísticas tradicionais revelam: as dificuldades com os gestos articulatórios e a impossibilidade de nomeação – o fracasso. A análise do processo dialógico e dos recursos alternativos dos quais se utiliza – os gestos, a escrita de estilo telegráfico, os acabamentos mútuos, a insistência em atingir seu *intuito discursivo* - nos revelam muito mais sobre sua afasia e sobre aspectos do processamento lingüístico e do grau de severidade que a afasia impõe para sua atividade de produção. Normalmente não se avalia longitudinalmente o desempenho dos sujeitos, a fim de se verificar quais

os fatos – além dos neurológicos – que estão ou não contribuindo para a mudança no quadro de uma afasia sensorial, permitindo ao afásico a possibilidade de efetivamente engajar-se em práticas discursivas.

Podemos concluir, portanto, que o *grau de severidade* apontado nos testes metalingüísticos, quantitativamente analisados, estão longe de traduzir as dificuldades que os sujeitos têm na produção efetiva de linguagem. A compreensão do conceito de *grau de severidade* pode ser ampliada com a incorporação da análise de enunciados obtidos em situações dialógicas nos momentos em que os sujeitos afásicos avaliam suas dificuldades, comparando-as com as de outros sujeitos e com a sua atividade lingüística anterior ao episódio neurológico. Desta forma, como diria Bakhtin, tal conceito da forma como é abordado na literatura neuropsicológica faz parte do inventário de noções que contribuem para a formulação de teorias que são, a seu ver, *ficção científica*, que não contribuem para abordar o fenômeno real da linguagem humana, que só se dá em situações de uso concreto, nas relações dialógicas.

Notas

ⁱ Este tema foi apresentado por mim nos Seminários do GEL, em Julho de 2005, realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), em São Carlos, SP e no Congresso Internacional da ABRALIN, em Fevereiro de 2005, na Universidade Federal de Brasília (UNB). O texto também foi apresentado, com algumas alterações, para publicação na Revista da ABRALIN.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- CASTILHO, A.T. de (org.) *Gramática do português falado* Vol. I, Campinas, Ed. da Unicamp/FAPESP, 1990.
- COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso - Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins, 1988.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. - 5ª ed.- Tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- FRANCHI, C. *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*. Tese de Doutorado, Inédita. Campinas: IEL/UNICAMP, 1976.
- GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MORATO, E.M. *Neurolingüística. Introdução à Lingüística: Domínios e fronteiras* (MUSSALIN, F. & BENTES, A., orgs.). São Paulo: Cortez, 2000.
- NOVAES-PINTO, R.C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de Doutorado. Inédita. Campinas: IEL/UNICAMP, 1999.